



○ PARADIGMA DO DESERTO EM HEBREUS 6.4-6: UMA LEITURA INTERTEXTUAL À LUZ DE HEBREUS 3-4

Ricardo Cesar Toniolo¹

RESUMO: O artigo investiga Hebreus 6.4-6 à luz do paradigma do deserto estabelecido anteriormente em Hebreus 3-4, a partir da exposição do Salmo 95. Tradicionalmente, esse texto tem sido interpretado sobretudo em razão de debates dogmáticos sobre a possibilidade de perda da salvação. O estudo propõe deslocar essa discussão para uma análise literária e intertextual do argumento da epístola, considerando o modo como o autor de Hebreus mobiliza o Antigo Testamento de forma cumulativa e pedagógica. A hipótese central é que Hebreus 6.4-6 não introduz um novo problema teológico, mas reaplica à comunidade cristã o mesmo padrão histórico-teológico de advertência associado à geração do deserto. Esse padrão já havia sido estabelecido em Hebreus 3.7-4.13 mediante a citação e interpretação do Salmo 95, que transforma os eventos do êxodo em paradigma permanente de incredulidade diante da palavra de Deus. Assim, mesmo sem citar explicitamente o Antigo Testamento, a passagem pressupõe a continuidade temática com a advertência anterior. O artigo examina o papel do Salmo 95 e do paradigma do deserto em Hebreus 3-4, analisa o contexto literário de Hebreus 5.11–6.12 e demonstra que Hebreus 6.4-6 funciona como exemplo negativo em uma exortação pastoral à maturidade espiritual. Em seguida, examina a terminologia do texto e identifica conexões lexicais com experiências de Israel no deserto. Por fim, aplicando os critérios intertextuais de Richard Hays, o estudo

¹ Doutor e mestre em Letras (Bíblia como literatura) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), mestre em teologia (Antigo Testamento) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e pela UPM. Professor de teologia bíblica no EaD do CPAJ e coordenador e professor do departamento de Estudos Bíblicos e Exegéticos da Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef). Contato: rctoniolo@hotmail.com.

conclui que Hebreus 6.4-6 deve ser entendido como eco deliberado desse paradigma. A advertência, portanto, não afirma a perda da salvação por crentes verdadeiros, mas funciona como alerta solene contra a incredulidade persistente, conclamando a comunidade à perseverança e à maturidade na fé.

PALAVRAS-CHAVE: Hebreus 6.4-6; Paradigma do deserto; Advertências em Hebreus; Intertextualidade bíblica; Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.

INTRODUÇÃO

Hebreus 6.4-6 figura entre as passagens mais debatidas do Novo Testamento, sobretudo por sua aparente tensão com a doutrina da perseverança dos santos. Ao longo da história da interpretação, o texto foi recorrentemente abordado com foco quase exclusivo na descrição das experiências ali mencionadas e em suas possíveis implicações soteriológicas.² Essa tendência contribuiu para que a dificuldade exegética da passagem fosse tratada prioritariamente como um problema dogmático, em detrimento de uma análise mais ampla de sua inserção literária e canônica no argumento da epístola.

Estudos desenvolvidos no final do século 20 e início do século 21 têm demonstrado que Hebreus mobiliza o Antigo Testamento por meio de um uso denso e cumulativo da Escritura. Essas pesquisas destacam o caráter narrativo-representativo desse procedimento, evidenciando que o autor não apenas cita textos isolados, mas reapresenta padrões teológicos inteiros no interior de sua exortação.³ Tal abordagem torna insuficiente qualquer leitura que isole as perícopes de advertência tanto do fluxo argumentativo da epístola quanto de sua matriz veterotestamentária. Nesse contexto, têm-se desenvolvido investigações sobre as citações do Antigo Testamento em Hebreus, sobre a relação entre o texto citado e sua forma final na epístola,⁴ bem como investigações voltadas a tendências de pesquisa mais amplas acerca do uso do Antigo Testamento na

² OBERHOLTZER, Thomas Kem. The thorn-infested ground in Hebrews 6:4-12. *Bibliotheca Sacra*, 145, July-September 1988, p. 319-328; NICOLE, Roger. Some comments on Hebrews 6:4-6 and the doctrine of the perseverance of God with the saints. In: HAWTHORNE, Gerald F. (Ed.). *Current Issues in Biblical and Patristic Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975, p. 355-364; DESILVA, David A. Exchanging favor for wrath: apostasy in Hebrews and patron-client relationships. *Journal of Biblical Literature*, v. 115, n. 1, p. 91-116, 1996; DESILVA, David A. Hebrews 6:4-8: a socio-rhetorical investigation (Part 1). *Tyndale Bulletin*, v. 50, n. 1, 1999, p. 33-57; SCHMIDT, Thomas E. Moral lethargy and the epistle to the Hebrews. *Westminster Theological Journal*, v. 54, 1992, p. 167-173; McKNIGHT, Scot. The warning passages of Hebrews: a formal analysis and theological conclusions. *Trinity Journal*, v. 13, 1992, p. 21-59.

³ BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs.). *Comentário ao uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1131-1136.

⁴ HOWARD, George. Hebrews and the Old Testament quotations. *Novum Testamentum*, v. 10, 1968, p. 208-216.

epístola e do programa hermenêutico do autor.⁵ Apesar desses avanços, permanece em aberto a questão de como a advertência desenvolvida em Hebreus 3.7-4.13, a partir do Salmo 95, continua operando no desenvolvimento do argumento que culmina em Hebreus 6.4-6.

A relação entre Hebreus 6.4-6 e o Antigo Testamento recebeu atenção relativamente limitada quando comparada ao amplo consenso acerca da função estruturante do Salmo 95 em Hebreus 3-4. Estudos propuseram que a linguagem da perícopa reflete experiências associadas à geração do deserto, identificando paralelos com tradições do êxodo e da peregrinação.⁶ Essas propostas, embora sugestivas, frequentemente se apoiam em correspondências lexicais isoladas, nem sempre acompanhadas de critérios metodológicos capazes de sustentar de forma convincente a identificação de uma relação intertextual.

Nesse sentido, a discussão mais ampla sobre intertextualidade bíblica tem enfatizado a necessidade de critérios controlados para a identificação de alusões e ecos escriturísticos, a fim de evitar conexões excessivamente livres ou pouco verificáveis.⁷ Em resposta, uma tendência mais recente tem argumentado que o horizonte interpretativo imediato de Hebreus 6.4-6 deve ser buscado prioritariamente na progressão argumentativa da própria epístola, sobretudo na advertência construída em Hebreus 3-4, na qual o paradigma do deserto é explicitamente estabelecido por meio da releitura do Salmo 95.⁸ Embora essa preocupação metodológica tenha produzido avanços importantes, a relação literária e teológica entre a advertência de Hebreus 3-4 e a de Hebreus 6.4-6 permanece insuficientemente esclarecida.

É precisamente nesse ponto que o presente estudo se insere, ao propor uma abordagem que integra a análise lexical, a progressão retórica da epístola e os critérios intertextuais contemporâneos. Com base nessa abordagem, defende-se que Hebreus 6.4-6 deve ser compreendido como eco deliberado do paradigma de advertência do deserto estabelecido anteriormente em Hebreus 3-4 por meio da citação e exposição do Salmo 95. Partindo da investigação anterior sobre a

⁵ GUTHRIE, George H. Hebrews' use of the Old Testament: recent trends in research. *Currents in Biblical Research*, v. 1, n. 2, 2003.

⁶ WEEKS, Noel. Admonition and error in Hebrews. *Westminster Theological Journal*, v. 39, 1976, p. 72-80; GLEASON, Randall C. The Old Testament background of the warning in Hebrews 6:4-8. *Bibliotheca Sacra*, v. 155, 1998, p. 62-91; MATHEWSON, Dave. Reading Heb 6:4-6 in light of the Old Testament. *Westminster Theological Journal*, v. 61, 1999, p. 209-225; EMMERICH, Martin. Hebrews 6:4-6 – again! (a pneumatological inquiry). *Westminster Theological Journal*, v. 65, 2003, p. 83-95

⁷ HAYS, Richard B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*. New Haven; London: Yale University Press, 1989. p. 29; BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação*. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 17-19

⁸ COCKERILL, Gareth Lee. *The Epistle to the Hebrews*. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2012. (The New International Commentary on the Old and New Testament), p. 153; DESILVA, David A. *Perseverance in gratitude: a socio-rhetorical commentary on the Epistle "to the Hebrews"*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000. p. 237.

formação desse paradigma,⁹ argumenta-se que a passagem não inaugura um novo problema teológico nem redefine a condição espiritual dos verdadeiros crentes, mas reaplica à comunidade cristã o mesmo padrão histórico-teológico de incredulidade persistente diante da palavra de Deus. Nessa perspectiva, a ausência de uma citação explícita do Antigo Testamento em Hebreus 6.4-6 não indica descontinuidade temática, mas pressupõe que o leitor já foi instruído pela advertência precedente e é chamado a reconhecer sua continuidade por meio da linguagem e da lógica do argumento. Os paralelos terminológicos, embora insuficientes quando considerados isoladamente, adquirem força interpretativa quando examinados à luz do desenvolvimento argumentativo da epístola e do paradigma veterotestamentário previamente estabelecido.

Metodologicamente, o estudo adota uma leitura literária e intertextual de Hebreus e emprega o conceito de “eco”, conforme proposto por Richard Hays, para identificar a evocação implícita de textos veterotestamentários em contextos nos quais não há citação direta, mas em que o texto posterior convoca uma interação mais ampla com o texto precursor.¹⁰ Nessa perspectiva, esses textos permanecem ativos na memória literária e teológica do leitor e orientam a interpretação do texto posterior.

Para esse fim, o artigo examina inicialmente o papel do Salmo 95 e do paradigma do deserto na advertência de Hebreus 3.7-4.13, apenas na medida necessária para estabelecer o contexto canônico da passagem. Em seguida, analisa Hebreus 6.4-6 em seu contexto literário imediato, destacando sua função retórica no discurso exortativo da epístola. Por fim, demonstra que a terminologia e a estrutura da advertência em Hebreus 6.4-6 funcionam como eco do mesmo paradigma do deserto, evidenciando a continuidade temática e teológica da exortação ao longo da carta.

1. O PARADIGMA DO DESERTO COMO ADVERTÊNCIA EM HEBREUS 3-4

A advertência formulada em Hebreus 6.4-6 pressupõe a exortação desenvolvida anteriormente em Hebreus 3.7-4.13. Nessa perícopes, o autor da epístola estabelece o deserto como paradigma teológico de incredulidade e juízo, recorrendo ao Salmo 95 como mediação interpretativa entre os eventos do Pentateuco e a situação da comunidade cristã destinatária da carta. O Antigo Testamento, na perícopes, funciona como elemento estruturante do discurso exortativo.

⁹ TONIOLO, Ricardo C. Do Evento ao Paradigma: A Teologia do Deserto no Salmo 95. *Prompte et Sincere*, v. 2. n. 2, 2025, p. 33-50.

¹⁰ HAYS, Richard B. *Echoes of Scripture in the letters of Paul*. New Haven; London: Yale University Press, 1989, p. 20.

1.1 O SALMO 95 COMO MEDIAÇÃO HERMENÊUTICA

A advertência tem início com a citação extensa do Salmo 95.7b-11 em Hebreus 3.7-11, introduzida pela fórmula que atribui o discurso ao Espírito Santo. Essa atribuição confere autoridade imediata ao texto e desloca a advertência do âmbito do passado histórico para o presente da comunidade cristã. O uso reiterado do advérbio “hoje” (σήμερον) impede que os eventos do deserto sejam tratados como realidade encerrada, atualizando a exortação para cada geração que se encontra diante da voz de Deus.¹¹

Ao recorrer ao Salmo 95, o autor de Hebreus não retorna diretamente aos relatos de Êxodo 17 ou Números 13-14, mas assume a releitura já operada no interior do próprio Antigo Testamento. O salmo reorganiza a memória do deserto em chave exortativa, enfatizando a dureza do coração, a provocação e a incredulidade como atitudes paradigmáticas. Desse modo, a advertência não se concentra em circunstâncias históricas isoladas, mas em um padrão recorrente de resistência à palavra de Deus, agora aplicado à comunidade cristã.¹²

1.2 O DESENVOLVIMENTO DA ADVERTÊNCIA EM HEBREUS 3.12-4.13

A partir da citação do Salmo 95, a advertência é desenvolvida de forma progressiva. Em Hebreus 3.12-19, o perigo central é identificado como incredulidade, caracterizada como “coração mau” que conduz ao afastamento do Deus vivo. A exortação à admoestação mútua enquanto se diz “hoje” reforça o caráter presente da advertência e evidencia que o exemplo do deserto funciona como advertência direta à comunidade cristã, e não como simples ilustração histórica.¹³

Esse argumento é ampliado em Hebreus 4.1-13, onde o tema do descanso assume papel central. A impossibilidade de entrada no descanso é apresentada como consequência direta da incredulidade, e não como resultado de falhas morais pontuais. O autor afirma que a geração do deserto recebeu as boas novas, mas a palavra não lhes trouxe proveito por não ter sido acompanhada de fé, estabelecendo uma analogia explícita entre a experiência de Israel e a situação dos destinatários da epístola.¹⁴

A unidade literária de Hebreus 3.1-4.16, delimitada por inclusios recorrentes na epístola, reforça a coesão desse discurso exortativo e prepara o

¹¹ GUTHRIE, George H. *The Structure of Hebrews: a text-linguistic analysis*. Leiden: Brill, 1994, p. 76-89

¹² TONIOLO, Ricardo C. Do evento ao paradigma: a teologia do deserto no Salmo 95. *Prompte et Sincere*, v. 2, n. 2, 2025, p. 45-46.

¹³ SILVA, João Petreceli. *Apostasia em Hebreus: uma análise da interpretação arminiana das passagens de advertência*. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2006, p. 19-20, 43

¹⁴ GUTHRIE, *The Structure of Hebrews*, p. 81.

leitor para a chamada à perseverança expressa em 4.14-16.¹⁵ A advertência em Hebreus 3-4, portanto, não é periférica, mas desempenha papel estrutural no desenvolvimento da epístola.

1.3 A FUNÇÃO TEOLÓGICA DA ESCOLHA DO SALMO 95

A opção do autor de Hebreus por citar o Salmo 95, em vez de recorrer diretamente aos relatos de Êxodo e Números, é teologicamente significativa. O salmo já constitui uma releitura autorizada dos eventos do deserto, na qual a memória histórica é convertida em advertência litúrgica continuamente atualizada. Ao empregar essa mediação, o autor pressupõe leitores familiarizados com o Antigo Testamento e capazes de reconhecer os eventos subjacentes à advertência sem necessidade de reconstrução narrativa detalhada.¹⁶

Além disso, a natureza homilética da epístola favorece esse procedimento. A advertência é dirigida a uma comunidade concreta, submetida a pressões e ao risco de retrocesso, exigindo a aplicação imediata da Escritura ao presente. Nesse contexto, a escolha do Salmo 95 permite que o paradigma do deserto seja transportado com flexibilidade para o contexto cristão, preservando sua força exortativa. Ao empregar esse texto dessa maneira em Hebreus 3-4, o autor também instrui o leitor quanto ao seu modo de usar o Antigo Testamento, capacitando-o a reconhecer a continuidade da advertência mesmo quando não há novas citações explícitas. Assim, Hebreus 6.4-6 pressupõe um leitor já familiarizado com esse procedimento hermenêutico, capaz de identificar ecos teológicos e condensações canônicas, à semelhança do próprio Salmo 95, que evoca os eventos do deserto sem reconstrução narrativa detalhada, mas com plena força exortativa.

2. HEBREUS 6.4-6 NO CONTEXTO LITERÁRIO IMEDIATO

A interpretação de Hebreus 6.4-6 exige que a passagem seja lida dentro do fluxo argumentativo que se estende de 5.11 a 6.12. Longe de constituir uma unidade autônoma ou uma advertência isolada, os versículos 4-6 ocupam lugar específico dentro de um movimento discursivo que articula diagnóstico pastoral, exortação à maturidade, exemplo negativo e, por fim, encorajamento fundamentado em evidências concretas da fé dos destinatários. A dificuldade exegética do texto decorre, em grande medida, de leituras que abstraem 6.4-6 desse conjunto e o transformam em afirmação dogmática independente.

¹⁵ Ibid., p. 77.

¹⁶ NICOLL, W. Robertson. *The Expositor's Greek Testament*. v. 4. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 231.

2.1 ESTRUTURA DE HEBREUS 5.11-6.12

A perícope de Hebreus 5.11-6.12 é delimitada por um *inclusio* claro, que marca a unidade literária do trecho e justifica a interrupção temporária da exposição sobre o sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque.¹⁷ Em 5.11, o autor declara a dificuldade de prosseguir no argumento em razão da condição espiritual de seus leitores; em 6.12, ele retoma o tema da perseverança e da herança das promessas, preparando o retorno ao assunto principal em 7.1.

A leitura de Hebreus 6.4-6 deve, portanto, ser realizada dentro dessa unidade literária (5.11–6.12). O trecho não pode ser interpretado como uma afirmação teológica isolada, mas como parte da dinâmica retórica que estrutura toda a seção, no qual repreensão, advertência e encorajamento pastoral aparecem articulados. Nesse contexto, Hebreus 6.4–6 desempenha a função de exemplo negativo dentro da exortação maior dirigida aos leitores.

Dentro dessa dinâmica retórica, o bloco 5.11-6.12 tem como finalidade demonstrar a necessidade do crescimento espiritual, legitimando o ensino mais substancial que será desenvolvido a partir do capítulo 7. O autor organiza o discurso em quatro movimentos principais: a exposição do problema (5.11-14), a advertência à progressão rumo à maturidade (6.1-3), o exemplo negativo (6.4-8) e a condição real dos leitores, marcada por encorajamento e exortação pastoral (6.9-12). O trecho subsequente, 6.13-20, funciona como desdobramento do versículo 12, oferecendo o exemplo positivo da paciência de Abraão e preparando a retomada do argumento iniciado em 5.10.¹⁸

2.2 FUNÇÃO DE HEBREUS 6.1-3

A advertência propriamente dita da perícope encontra-se em Hebreus 6.1-3. Introduzida pela conjunção conclusiva *διό*, essa seção retoma o diagnóstico de 5.11-14 e exorta os leitores a serem conduzidos à maturidade. A cláusula central, “sejamos levados à perfeição”, constitui o núcleo exortativo do texto, sendo qualificada por duas orações adverbiais que indicam as condições necessárias para tal progresso: abandonar o ensino elementar e não lançar novamente o fundamento inicial.

Os “princípios elementares” mencionados em 6.1-2 são explicitados em seis expressões que abrangem tanto aspectos soteriológicos quanto doutrinários. Tais elementos pertencem ao horizonte do Antigo Testamento e encontram correspondência no cristianismo.¹⁹ Segundo Donald Guthrie,

Parte do problema que os hebreus enfrentavam era a semelhança superficial entre as doutrinas elementares do cristianismo e as do

¹⁷ GUTHRIE, *The Structure of Hebrews*, p. 82-83

¹⁸ NAIRNE, Alexander. *The epistle of priesthood*. 2. ed. Edinburgh: T&T Clark, 1915, p. 338; HAGNER, Donald A. *Hebrews*. São Paulo: Vida, 1997, p. 115.

¹⁹ BRUCE, F. F. *The Epistle to the Hebrews*. Rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 139

judaísmo, que tornava possível aos judeus cristãos pensar que poderiam sustentar as duas coletâneas de doutrinas. O perigo da apostasia era muito maior para eles do que para os convertidos do paganismo.²⁰

Nesse contexto, a exortação à maturidade não implica rejeição dos fundamentos, mas reconhecimento de seu caráter tipológico. Seguir para a perfeição significa firmar-se em Cristo como cumprimento daquilo que os princípios elementares apenas prefiguravam. Abandonar o antítipo em favor do tipo constitui, portanto, o cerne do perigo que o autor passa a ilustrar no exemplo seguinte.

2.3 LUGAR DE HEBREUS Hb 6.4-6 NO DISCURSO

Os versículos 6.4-6 introduzem um exemplo negativo dentro do discurso, marcado por uma mudança deliberada da primeira para a terceira pessoa do plural. Esse deslocamento indica que o autor não descreve diretamente a condição espiritual de seus leitores, mas de outro grupo que deve servir de advertência. A descrição é seguida pela metáfora agrícola de 6.7-8, que reforça a função ilustrativa do exemplo.

Essa forma de argumentação pressupõe uma lógica já consolidada no cânon, na qual eventos históricos específicos deixam de ser tratados como ocorrências isoladas e passam a funcionar como paradigmas teológicos de advertência. Assim como Massá, Meribá e a referência aos quarenta anos sintetizam, no Salmo 95, um estado contínuo de incredulidade no deserto, o exemplo descrito em Hebreus 6.4-6 não aponta para uma queda pontual. Antes, descreve uma condição espiritual consolidada, caracterizada pela rejeição deliberada e persistente da revelação divina.

O contexto histórico pressuposto é o de perseguição a cristãos de origem judaica, que, diante das dificuldades, cogitavam abandonar a fé em Cristo para retornar a uma religião socialmente tolerada.²¹ A gravidade do exemplo reside na decisão deliberada de rejeitar Cristo após ter recebido ensino a seu respeito.

Essa leitura é confirmada pela seção final da perícopé. Em 6.9-12, o autor estabelece contraste explícito entre aqueles que servem de exemplo negativo e os destinatários da carta. Ele afirma estar persuadido quanto à salvação de seus leitores, apontando para obras concretas de amor e perseverança como evidência dessa condição, pois todo o desenvolvimento espiritual depende dessas virtudes.²² A advertência severa, portanto, não tem como finalidade questionar a salvação dos destinatários, mas funciona como meio pastoral para promover a perseverança.

²⁰ GUTHRIE, D. *Hebreus: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 132.

²¹ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 446-447.

²² KISTEMAKER, Simon. *Hebreus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 237.

A afirmação da impossibilidade de renovação ao arrependimento em Hebreus 6.4-6 deve ser compreendida à luz da mesma lógica teológica que fundamenta o juramento divino no Salmo 95 e em Números 14. Em ambos os casos, não se trata de uma negativa abstrata à possibilidade de arrependimento, mas da confirmação judicial de uma incredulidade já demonstrada historicamente por meio de atitudes persistentes de desobediência. A impossibilidade, portanto, não inaugura um novo critério soteriológico, mas reaplica um padrão veterotestamentário segundo o qual a rejeição continuada da palavra de Deus conduz a um estado irreversível de exclusão das promessas.

Assim, Hebreus 6.4-6 ocupa lugar estratégico no discurso: não como núcleo exortativo, mas como ilustração extrema do perigo de rejeitar conscientemente o cumprimento da revelação divina. Lido nesse contexto, o texto não sustenta a ideia de perda da salvação por verdadeiros crentes, mas estabelece contraste entre fé perseverante e apostasia deliberada, reforçando a chamada para que os leitores avancem rumo à maturidade e herdem as promessas pela fé e pela paciência.

3. HEBREUS 6.4-6 COMO ECO DO PARADIGMA DO DESERTO

3.1 O PARADIGMA DO DESERTO EM HEBREUS

A leitura de Hebreus 6.4-6 como eco do paradigma do deserto exige que a passagem seja situada no desenvolvimento exortativo mais amplo da epístola, especialmente nos capítulos 3 e 4. Gramaticalmente, isso se comprova porque Hebreus 4.14 está ligado a 3.1 pela conjunção *οὗν*.²³ O teste de ressonância aplicado ao contexto próximo indica que a referência explícita ao período do êxodo já foi estabelecida anteriormente e permanece ativa na progressão argumentativa. A advertência construída a partir do Salmo 95 em Hebreus 3-4 fornece, portanto, a matriz hermenêutica para a compreensão da advertência de Hebreus 6.4-6.

Após a longa exposição do Salmo 95 e de sua aplicação à comunidade cristã, o autor retoma o tema do sacerdócio em 4.14-5.10 e, em seguida, volta a interromper a linha expositiva para introduzir nova advertência em 5.11-6.12. Essa nova seção exortativa não surge como elemento desconectado, mas como continuação do mesmo padrão de advertência anteriormente estabelecido com base na geração do deserto. A exortação a avançar para a maturidade (6.1) é construída sobre o mesmo pano de fundo teológico da incredulidade paradigmática já explorada nos capítulos 3 e 4. Nesse sentido, as lições do deserto permanecem no horizonte do autor ao redigir Hebreus 6.4-6. Emmerich observa que:

²³ NICOLL, *The Expositor's Greek Testament*, v. 4, p. 283.

A ‘boa palavra de Deus’ entendida contra o pano de fundo da terra prometida para Israel também se conecta precisamente com 3.7ss., onde a promessa da terra vem a ser a trajetória para o discurso do autor sobre o κατάπαυσις (descanso) escatológico. Se essa conclusão é correta, então o desastre de Cades-Barnea como a matriz para a advertência contida em 3.7ss. estava provavelmente ainda na mente do autor quando redigia 6.4-6.²⁴

A ausência de referência explícita ao evento do deserto em Hebreus 6.4-6 não enfraquece essa conexão, mas a pressupõe. Como observa Petrecelli Silva:

Realmente, a terceira advertência é a única em que o autor não deixa explícito a quem ele se refere. Porém, o argumento de que o autor está seguindo um exemplo dado anteriormente e de que não há necessidade de repeti-lo visto que a menção anterior foi explícita, é considerável. Devemos notar que foram usados dois capítulos para se fazer referência à geração do deserto, e mencioná-la novamente apenas alguns versículos à frente seria desnecessário. Ainda mais para alguém que está escrevendo resumidamente (13:22).²⁵

O procedimento do autor, portanto, é cumulativo. Uma vez estabelecido o paradigma do deserto por meio do Salmo 95 em Hebreus 3-4, ele passa a operar como referência ativa para as advertências subsequentes, mesmo quando não é novamente citado. O leitor, já instruído por essa matriz, é convidado a reconhecer sua continuidade temática e teológica na advertência de Hebreus 6.4-6.

3.2 A TERMINOLOGIA DE HEBREUS 6.4-6 E SUAS RAÍZES VETEROTESTAMENTÁRIAS

A identificação do eco do paradigma do deserto em Hebreus 6.4-6 não depende apenas da progressão temática da epístola, mas também da análise de sua terminologia. A investigação lexical mostra que os termos empregados na descrição das experiências dos participantes e de sua queda apresentam correspondências significativas com a linguagem veterotestamentária ligada ao êxodo e à peregrinação no deserto.

Estudos anteriores já tentaram estabelecer essa relação, ainda que nem sempre com metodologia consistente. Lang, por exemplo, propôs paralelos entre os elementos de Hebreus 6.4-6 e as experiências de Israel no deserto, relacionando iluminação, dom celestial, participação do Espírito, palavra de Deus e poderes do mundo vindouro a elementos como revelação do nome divino, maná, água da rocha e manifestações visíveis da presença de Deus.²⁶ Embora várias de suas aproximações sejam sugestivas, sua proposta carece de critérios metodológicos mais definidos.

²⁴ EMMERICH, Martin. Hebrews 6:4-6 – again! (a pneumatological inquiry). *Westminster Theological Journal*, v. 65, 2003, p. 86.

²⁵ SILVA, *Apostasia em Hebreus*, p. 76.

²⁶ LANG, G. H. *The epistle to the Hebrews*. 2. ed. Miami Springs: Conley & Schoettle, 1985, p. 98-101

Abordagens posteriores procuraram estabelecer critérios mais controlados de comparação terminológica entre Hebreus e a versão grega do Antigo Testamento. Trabalhos de Noel Weeks, Randall C. Gleason e Dave Mathewson, desenvolvidos de modo independente, apresentam convergência de resultados, o que reforça a plausibilidade da conexão lexical.²⁷ Esses estudos partem da semelhança de termos e expressões entre Hebreus 6.4-6 e textos veterotestamentários ligados ao período do deserto, abrindo espaço também para verificação nos textos hebraicos.

Depois dos estudos mencionados acima, não foram localizadas pesquisas mais recentes que desenvolvessem de modo significativo essa mesma linha interpretativa. Ainda assim, esses trabalhos continuaram exercendo influência na literatura especializada. George H. Guthrie e Richard D. Phillips, por exemplo, recorrem à proposta de Mathewson para sustentar que Hebreus 6.4-6 emprega linguagem que remete aos eventos do deserto.²⁸ De modo semelhante, Christopher Cowan observa que Rich Lusk, valendo-se de Martin Emmerich, argumenta que a experiência das gerações do deserto constitui o pano de fundo tipológico da advertência presente em Hebreus 6.4-6.²⁹

O conjunto das propostas de Weeks, Gleason e Mathewson fornece base metodológica para a análise lexical desenvolvida a seguir.

O primeiro termo relevante é o particípio “iluminados” (φωτισθέντας), de φωτίζω. Na versão grega do Antigo Testamento, o verbo correspondente é usado em textos que descrevem a iluminação provida pela coluna de fogo que guiava Israel no deserto. Entre os textos apontados estão Neemias 9.12, Salmo 105(104).39 e Salmo 78(77).14, todos ligados à condução divina durante a peregrinação. A associação lexical sugere que a linguagem de iluminação pode evocar, no horizonte bíblico, a experiência de direção divina no êxodo.

Além disso, segundo Grudem, a expressão “boa palavra de Deus” e a referência aos “poderes” conectam-se, segundo parte da literatura, ao campo semântico já ativado em Hebreus 3-4. “Ser iluminado” seria ouvir e entender o evangelho (cf. Hb 4.2); “provar a boa palavra de Deus e os poderes do mundo

²⁷ WEEKS, Noel. Admonition and error in Hebrews. *Westminster Theological Journal*, v. 39, 1976, p. 72-80; GLEASON, Randall C. The Old Testament background of the warning in Hebrews 6:4-8. *Bibliotheca Sacra*, v. 155, 1998, p. 62-91; MATHEWSON, Dave. *Reading Heb 6:4-6 in light of the Old Testament*. *Westminster Theological Journal*, v. 61, 1999, p. 209-225.

²⁸ GUTHRIE, George H. “Hebrews 6.4–6”. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (org.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Tradução de Robson Malkomes, Fabiano Silveira Medeiros e Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1181-1182; PHILLIPS, Richard D. *Estudos bíblicos expositivos em Hebreus: como enfrentar os desafios e armadilhas do mundo confiando na supremacia de Cristo*. Tradução de Deuber de Souza Calaça e Edmilson Francisco Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018, p. 186-187.

²⁹ COWAN, Christopher W. “As passagens de advertência em Hebreus e a comunidade da nova aliança”. In: WELLUM, Stephen J. et al. (org.). *Aliancismo progressivo: traçando uma via entre o dispensacionalismo e o aliancismo*. Tradução de Maryssa Caetano. Brasília, DF: Dois Dedos de Teologia, 2020, p. 208.

vindouro”, experimentar as qualidades da Palavra de Deus e da ação do poder de Deus em suas vidas através dos milagres. Mesmo quando a análise não é explicitamente vinculada aos eventos do deserto, reconhece-se que essa terminologia se alinha com o quadro de promessa, palavra ouvida e ação poderosa de Deus já mobilizado em Hebreus 3–4.

Weeks aponta o Salmo 43.3 como uma das possíveis fontes conceituais da expressão “iluminados”,³⁰ uma vez que ali luz e verdade aparecem como paralelos sinônimos que conduzem ao tabernáculo, o que permite compreender que Hebreus se utiliza tanto da terminologia quanto da metáfora. Assim, a iluminação no deserto pela coluna de fogo funciona como antecedente tipológico da iluminação trazida pelo evangelho.

A relação entre “foram iluminados” e o período do deserto é reforçada por textos como Neemias 9.12, Salmo 105(104).39 e Salmo 78(77).14, todos associados à condução de Israel pela coluna de fogo. Embora a Septuaginta omita em Êxodo 13.21 a expressão “para os alumiar”, o verbo hebraico correspondente está presente no texto original, confirmando a pertinência da associação lexical.

Quanto à expressão “dom celestial” (δωρεᾶς τῆς ἐπουρανίου), não há paralelo direto no Antigo Testamento, mas a combinação dos termos “dom” (δωρεά) e “celestial” (ἐπουράνιος) remete ao maná, descrito como “pão do céu” (ἄρτος οὐρανοῦ) em Neemias 9.15, Salmo 78(77).24 e Êxodo 16.4 respalda a relação. Além disso, o verbo “dar” está ligado ao maná também nos referidos textos de Neemias e Salmo e em Êxodo 16.15.

A expressão “participantes do Espírito Santo” (μετόχους γεννηθέντας πνεύματος ἁγίου) encontra correspondência em textos que descrevem a atuação do Espírito de Deus no contexto do êxodo e da peregrinação, como Neemias 9.20, Êxodo 35.31, Números 11.17 e Ageu 2.5, nos quais o Espírito é concedido, repartido ou permanece no meio do povo.

A “boa palavra de Deus” (καλὸν θεοῦ ῥῆμα) remete à revelação da vontade divina no deserto, especialmente à entrega de leis, estatutos e mandamentos (Ne 9.13). Além disso, textos como Josué 21.45 e 23.14-15 empregam a expressão “boas palavras” para se referirem ao cumprimento fiel das promessas divinas.³¹ Gleason acrescenta Êxodo 4.28-30 e 20.1-26 como passagens em que a experiência da “boa palavra de Deus” ocorre.³² Êxodo 24.1-7 também pode ser acrescentado como exemplo ao lado dessas passagens.

Por fim, quanto aos “poderes do mundo vindouro” (δυνάμεις τε μέλλοντος αἰῶνος), Weeks entende que a expressão sintetiza as experiências anteriormente

³⁰ WEEKS, Noel. Admonition and error in Hebrews. *Westminster Theological Journal*, v. 39, 1976, p. 78

³¹ MATHEWSON, Dave. Reading Heb 6:4-6 in light of the Old Testament. *Westminster Theological Journal*, v. 61, 1999, p. 218-219.

³² GLEASON, *The Old Testament background of the warning in Hebrews 6:4–8*, p. 77.

mencionadas,³³ enquanto Mathewson e Gleason defendem que ela se refere especificamente aos sinais e milagres realizados por meio de Moisés, conforme Hebreus 2.1-4 e textos como Êxodo 4.30; 7.3-4 e Números 14.11.³⁴ Ainda que o Antigo Testamento não utilize explicitamente essa expressão, o vínculo com os milagres do êxodo é coerente com o contexto e com o argumento da epístola, sendo adequado ligar tais “poderes” às ações poderosas de Deus realizadas por intermédio de Moisés.

O conjunto desses dados mostra que a linguagem de Hebreus 6.4-6 não é isolada nem arbitrária. Ela se insere em um campo lexical que, na Escritura grega, é frequentemente associado às experiências fundacionais de Israel no deserto. Isso não implica dependência de um único texto específico, mas indica a ativação de um domínio teológico compartilhado. A terminologia funciona, assim, como veículo de memória canônica condensada, coerente com o modo como a epístola já vinha mobilizando o paradigma do deserto desde Hebreus 3-4.

3.3 A IDENTIFICAÇÃO DO ECO: CRITÉRIOS E APLICAÇÃO EM HEBREUS 6.4-6

A identificação de um eco veterotestamentário em Hebreus 6.4-6 exige critérios que permitam avaliar não apenas a possibilidade formal da relação intertextual, mas também sua pertinência retórica e teológica no interior do discurso da epístola. Nesse sentido, os testes propostos por Richard B. Hays oferecem um instrumental adequado para aferir a presença de um eco mesmo na ausência de citação explícita, desde que aplicados de modo cumulativo e não isolado. A seguir, define-se cada um desses critérios aplicando-os ao texto sob investigação.

Disponibilidade. O critério da disponibilidade pergunta se o texto-fonte proposto estava efetivamente acessível ao autor e aos leitores originais. Para Hays, a identificação de um eco pressupõe uma relação diacrônica clara entre os textos, pois “análises de eco literário só são possíveis quando se conhece a ordenação cronológica das diferentes vozes”.³⁵ No caso de Hebreus, não há obstáculo histórico ou literário à hipótese de que 6.4-6 ecoe tradições do Pentateuco mediadas pelo Salmo 95, textos amplamente consolidados na tradição judaica e já reinterpretados em chave exortativa.

Volume. O volume diz respeito ao grau de audibilidade do eco, determinado principalmente pela repetição explícita de palavras ou padrões sintáticos, mas também pela proeminência do texto precursor e pelo destaque retórico que o eco recebe no novo contexto. Segundo Hays, mesmo alusões com poucos paralelos lexicais podem ser significativas quando remetem a textos

³³ WEEKS, Noel. *Admonition and error in Hebrews*, p. 78

³⁴ MATHEWSON, *Reading Heb 6:4-6 in light of the Old Testament*, p. 219-220; GLEASON, *The Old Testament background of the warning in Hebrews 6:4-8*, p. 77-78.

³⁵ HAYS, *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 29-30.

“distintivos e memoráveis” e ocupam posição retoricamente estratégica.³⁶ Em Hebreus 6.4-6, a terminologia empregada remete a experiências centrais da geração do deserto, amplamente conhecidas e reiteradas nas Escrituras, conforme identificado na subseção anterior.

Recorrência. Esse critério avalia com que frequência o autor retorna à mesma passagem ou ao mesmo complexo temático das Escrituras. Para Hays, quando há evidência de que uma tradição era de importância particular para o autor, ecos provenientes do mesmo contexto “devem receber credibilidade adicional”.³⁷ Em Hebreus, os eventos do deserto já haviam sido explorados extensivamente em 3-4, a partir do Salmo 95, de modo que 6.4-6 retoma e condensa um argumento previamente estabelecido.

Coerência temática. A coerência temática investiga se o suposto eco se encaixa adequadamente na linha argumentativa do texto posterior e se as imagens e ideias do texto precursor iluminam o argumento desenvolvido. Hays observa que esse teste já ultrapassa a simples identificação e avança para a interpretação do efeito do eco.³⁸ A leitura de Hebreus 6.4-6 à luz da geração do deserto reforça a seriedade da advertência e esclarece que o foco está em um padrão persistente de incredulidade, não em uma queda pontual.

Plausibilidade histórica. Aqui se pergunta se o autor poderia ter pretendido o efeito de sentido alegado e se os leitores originais poderiam tê-lo reconhecido. Trata-se de um critério histórico, que exige cautela contra leituras anacrônicas. Como afirma Hays, ele serve para evitar interpretações que projetem categorias teológicas posteriores sobre o autor bíblico.³⁹ Considerando que os destinatários de Hebreus eram judeus familiarizados com a Septuaginta, o reconhecimento do eco do deserto seria plausível e até esperado.

História da interpretação. O critério da história da interpretação investiga se leitores anteriores perceberam os mesmos ecos textuais. Hays reconhece seu valor corretivo, embora advirta que se trata de “um dos guias menos confiáveis para a interpretação”, pois mudanças de contexto canônico e cultural frequentemente abafaram ecos que eram originalmente audíveis.⁴⁰ Essa limitação torna-se ainda mais evidente na história posterior da interpretação, especialmente em contextos nos quais o acesso direto ao texto grego foi gradualmente substituído por versões latinas, nas quais a uniformidade terminológica se perdeu.⁴¹ Nesse cenário, como observa Hollander, a ausência de consenso ou mesmo a perda do eco em comunidades de leitura posteriores não

³⁶ Ibid., p. 30.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid., p. 30-31.

⁴⁰ Ibid., p. 31.

⁴¹ FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 507-516.

invalida sua presença original; ao contrário, convida à sua recuperação por meio de uma análise contextual e intertextual rigorosa.⁴² Por isso, o próprio Hays afirma que a história da interpretação raramente deve ser utilizada como fator decisivo negativo quando os demais critérios apontam de forma convergente para a existência do eco.⁴³

Satisfação. O último critério pergunta se a leitura proposta faz sentido e oferece uma explicação convincente do texto. Para Hays, trata-se, em última instância, do teste mais importante, ainda que difícil de formalizar: a leitura “ilumina o discurso circundante” e produz uma compreensão satisfatória para leitores competentes?⁴⁴ No caso de Hebreus 6.4-6, a leitura como eco deliberado do período do deserto explica de modo coerente tanto a terminologia quanto a função retórica da advertência no fluxo do discurso.

3.4 IMPLICAÇÕES DO PARADIGMA DO DESERTO PARA A INTERPRETAÇÃO DE HEBREUS 6.4-6

O reconhecimento do eco do deserto em Hebreus 6.4-6 traz implicações decisivas para a interpretação da passagem. Em primeiro lugar, ele desloca a leitura do texto de um debate estritamente dogmático para uma compreensão canônica e histórica mais ampla. A advertência deixa de ser tratada como formulação abstrata sobre a possibilidade de perda da salvação e passa a ser entendida como reaplicação de um paradigma veterotestamentário de incredulidade persistente.

Se Hebreus 6.4-6 ecoa Êxodo 17.1-7 e Números 13-14, mediado pelo Salmo 95 já aplicado em Hebreus 3.7-4.13, então a geração do deserto fornece a moldura interpretativa para o exemplo negativo apresentado na perícopa. O foco não recai sobre a intensidade das experiências descritas, mas sobre a resposta humana à palavra de Deus ao longo do tempo. Como no deserto, trata-se de pessoas que experimentaram atos redentivos objetivos, mas que, diante das exigências da perseverança, revelaram incredulidade por meio de suas ações.

Essa perspectiva ilumina debates clássicos sobre a condição espiritual da geração do êxodo. A exclusão daquela geração da terra prometida não implica necessariamente condenação eterna, mas um juízo histórico decorrente de incredulidade persistente. A questão central, portanto, não é determinar se cada um daqueles israelitas era ou não regenerado, mas reconhecer que sua trajetória coletiva manifesta um padrão contínuo de desobediência que culmina na exclusão judicial das promessas associadas à terra. Em Hebreus, esse episódio é retomado

⁴² HOLLANDER, John. *The figure of echo: a mode of allusion in Milton and after*. Berkeley: University of California Press, 1981, p. 65-66.

⁴³ HAYS, *Echoes of Scripture in the letters of Paul*, p. 31.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 31-32.

como paradigma teológico de advertência, funcionando como símbolo do problema espiritual da salvação do pecado.

Gleason argumenta que a geração do deserto deve ser considerada composta por crentes genuínos, apoiando-se em textos que afirmam que o povo “creu” após determinados milagres.⁴⁵ Contudo, uma análise mais cuidadosa desses textos revela que tal fé é frequentemente reativa aos sinais e não se traduz em confiança perseverante nas promessas. A narrativa do Pentateuco demonstra repetidamente que o povo crê após o milagre, mas murmura diante da prova, revelando uma fé circunstancial e não obediente.

Esse padrão é decisivo para a leitura de Hebreus 6.4-6. Assim como no deserto, o problema não é a falta de conhecimento, mas a recusa em viver à altura da revelação recebida. A ironia expressa em Hebreus 5.12 confirma que os destinatários conheciam bem as Escrituras, mas agiam como se não as conhecessem, reproduzindo o comportamento da geração incrédula.

Desse modo, a impossibilidade de renovação ao arrependimento em Hebreus 6.4-6 deve ser entendida à luz do juramento divino em Números 14. Não se trata de uma negação abstrata da graça, mas da constatação judicial de um estado espiritual consolidado, evidenciado por atitudes reiteradas de rejeição à palavra de Deus. A advertência assume, portanto, função pastoral e pedagógica: confrontar os leitores com o perigo real de repetir o padrão do deserto.

A leitura intertextual confirma que Hebreus 6.4-6 não rompe com o argumento desenvolvido anteriormente, mas o intensifica. O texto reaplica à comunidade cristã o mesmo paradigma histórico-teológico de advertência já estabelecido no Antigo Testamento e retomado em Hebreus 3-4. Assim, longe de sustentar uma doutrina de perda da salvação, a passagem funciona como alerta solene contra a incredulidade perseverante, convocando os leitores a avançarem rumo à maturidade e a permanecerem na obediência da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi demonstrar que Hebreus 6.4-6 deve ser interpretado à luz do paradigma do deserto previamente estabelecido em Hebreus 3-4 por meio da citação e exposição do Salmo 95. Partiu-se da hipótese de que a advertência severa de 6.4-6 não constitui um desenvolvimento teológico isolado nem uma redefinição da condição soteriológica dos crentes, mas uma reaplicação deliberada de um padrão veterotestamentário de incredulidade persistente diante da revelação de Deus. A análise conduzida ao longo do estudo confirma essa hipótese de modo consistente.

A investigação demonstrou que o autor de Hebreus emprega o Antigo Testamento de maneira cumulativa e pedagógica. Ao instruir seus leitores

⁴⁵ GLEASON, *The Old Testament background of the warning in Hebrews 6:4–8*, p. 75.

extensivamente nos capítulos 3 e 4 sobre o significado paradigmático da geração do deserto, o autor os capacita a reconhecer, em Hebreus 6.4-6, a continuidade do mesmo padrão, agora expresso de forma condensada e sem citação explícita. A ausência de referência direta ao Antigo Testamento nessa perícopes não indica ruptura temática, mas pressupõe uma audiência já formada pela advertência anterior e apta a identificar seus ecos por meio da terminologia e da lógica do argumento.

Nesse sentido, a leitura intertextual proposta permite compreender que os participípios de Hebreus 6.4-5 descrevem experiências reais e objetivas com a ação revelatória de Deus, experimentadas no contexto da comunidade da aliança visível e vinculadas a uma adesão intelectual à verdade do Evangelho, sem que isso implique, necessariamente, regeneração ou fé perseverante. Tal descrição corresponde de maneira precisa ao perfil da geração do deserto, que experimentou milagres, recebeu a palavra revelada e participou da atuação divina, mas respondeu de forma reiterada com incredulidade deliberada e desobediência. A queda mencionada em Hebreus 6.6, portanto, não aponta para uma falha pontual ou reversível, mas para a consolidação histórica de um padrão de rejeição prática consciente da palavra de Deus.

Essa constatação tem implicações hermenêuticas relevantes. Em primeiro lugar, desloca a interpretação de Hebreus 6.4-6 de um debate estritamente dogmático sobre a possibilidade de perda da salvação para uma leitura canônica e histórica mais ampla. A advertência deixa de ser tratada como afirmação abstrata sobre o destino individual de crentes verdadeiros e passa a ser compreendida como instrumento pastoral e retórico, cujo objetivo é promover a perseverança por meio do contraste entre fé genuína e apostasia deliberada. Em segundo lugar, essa leitura preserva a coerência interna da epístola, especialmente a tensão intencional entre advertências severas e expressões claras de confiança na salvação dos destinatários, como se observa em Hebreus 6.9-12.

Por fim, o estudo reforça a importância metodológica da identificação de ecos veterotestamentários na interpretação de Hebreus. A recuperação do paradigma do deserto não apenas esclarece a função de Hebreus 6.4-6 no fluxo argumentativo da carta, mas também contribui para uma compreensão mais fiel da forma como o autor faz uso da Escritura para exortar sua comunidade. Ao reconhecer que Hebreus 6.4-6 ecoa o mesmo padrão de advertência aplicado à geração do êxodo, o intérprete é conduzido a ler o texto não como ameaça à segurança dos crentes perseverantes, mas como chamado solene à fidelidade diante da revelação definitiva de Deus em Cristo.

ABSTRACT: This article investigates Hebrews 6:4–6 in light of the wilderness paradigm previously established in Hebrews 3–4 through the exposition of Psalm 95. Traditionally, this passage has been interpreted primarily within dogmatic

debates concerning the possibility of losing salvation. The present study proposes shifting the discussion toward a literary and intertextual analysis of the epistle's argument, considering the way the author of Hebrews employs the Old Testament in a cumulative and pedagogical manner. The central thesis is that Hebrews 6:4–6 does not introduce a new theological problem but rather reapplies to the Christian community the same historical-theological pattern of warning associated with the wilderness generation. This pattern had already been established in Hebrews 3:7–4:13 through the citation and interpretation of Psalm 95, which transforms the events of the Exodus into a permanent paradigm of unbelief in response to the word of God. Thus, even without an explicit Old Testament quotation, the passage presupposes thematic continuity with the preceding warning. The article examines the role of Psalm 95 and the wilderness paradigm in Hebrews 3–4, analyzes the literary context of Hebrews 5:11–6:12, and demonstrates that Hebrews 6:4–6 functions as a negative example within a pastoral exhortation to spiritual maturity. It then examines the passage's terminology and identifies lexical connections with Israel's wilderness experiences. Finally, applying Richard Hays's intertextual criteria, the study concludes that Hebrews 6:4–6 should be understood as a deliberate echo of this paradigm. The warning, therefore, does not teach the loss of salvation for genuine believers but serves as a solemn admonition against persistent unbelief, calling the community to perseverance and maturity in faith.

KEYWORDS: Hebrews 6:4–6; Wilderness Paradigm; Warnings in Hebrews; Biblical Intertextuality; Use of the Old Testament in the New Testament.